



## Deuses da opressão diante do Deus libertador

Gods of oppression before the liberating God

Por Vanderlei Alberto Schach

Doutorando em Teologia (EST)

Bolsista CAPES

vanderleischach@yahoo.com.br

### Resumo:

Neste artigo, descrevo inicialmente a forma como o sábado era observado no judaísmo. Pelos relatos dos Evangelhos percebe-se que a observância do sábado constituía-se um fardo pesado sobre o povo. Havia muitas prescrições e proibições por causa do sábado e que tiravam a liberdade do povo. Num segundo momento falo sobre o posicionamento de Jesus diante do sábado. Marcos nos primeiros três capítulos do seu Evangelho trata do sábado. O ápice do relato marca sobre as controvérsias sabáticas com os seus adversários acontece com a cura do homem que tinha uma das mãos ressequidas (3.1-6). O termo original usado para descrever a cura é *ἀποκαθίστημι* “restaurar”. Não apenas restaurar, mas restaurar ao sentido original, como era no início. Jesus promove a descontinuação da lei sabática e, como o Deus libertador, pretende integrar grupos marginais, excluídos da sociedade, considerados pelos deuses (Jo 10.34) como impuros. E por último o significado do posicionamento de Jesus para a atualidade. Jesus assume uma posição flexível diante do sábado em relação à lei codificada no Antigo Testamento e na tradição dos anciãos, mas comprometido com a lei como expressão da vontade perfeita de Deus para a humanidade. Na cura de Jesus no sábado, ele também tem um posicionamento que significa um ato de recriação do mundo nos tempos do fim. Assim como naquela época Jesus promovia libertação ao povo, ainda pode fazer hoje, libertando os oprimidos das suas cargas.

### Palavras-chave:

Sábado. Jesus Cristo. Opressão. Libertação. Deuses.

### Sábado no contexto judaico

“O sábado expressa a essência do espírito judaico, porque o seu conceito enaltece o indivíduo como criação e parceiro de Deus, como co-autor do universo, apenas um pouco inferior aos anjos”.<sup>1</sup> A partir desta definição da Mishná, pode-se entender a grande importância do sábado para o

### Abstract:

In this article, I describe first how the Sabbath was observed in Judaism. By the Gospel, we realize that Sabbath observance was a heavy burden on the people. There were many prescriptions and prohibitions because the Sabbath which took the liberty of the people. Secondly I talk about the positioning of Jesus before the Sabbath. In the first three chapters of his Gospel, Mark addresses the Sabbath. The climax of the story about the Jesus' sabbatical controversies against their opponents occurs with the healing of the man who had a withered hand (3:1-6). The original term used to describe the cure is *ἀποκαθίστημι* “restore”. Not only restore, but restore the original sense, as it was in the beginning. Jesus promotes the discontinuation of Sabbath law, and as the liberating God, he intends to integrate marginal groups, excluded from society, considered by the gods (John 10.34) as impure. Finally the meaning of the positioning of Jesus for today. Jesus takes a flexible stance on the Sabbath in relation to the codified law in the Old Testament and in the tradition of the elders, but committed to the law as an expression of God's perfect will for mankind. In Jesus' healing on the Sabbath, he also has a positioning which means an act of recreating the world in the end times. Like e Jesus promoted liberation to the people in that time, he can still do it today, freeing the oppressed of their loads.

### Keywords:

Sabbath. Jesus Christ. Oppression. Liberation. Gods.

povo judeu. Esta importância conduz para uma rigorosa observação do sábado e ainda a penalidades extremas (Ex 35.2). A Mishná descreve as trinta e nove proibições de trabalho que não deveriam ser realizadas no sábado. São as seguintes:

plantar, arar, ceifar, enfeixar, debulhar, joeirar, podar, moer, peneirar, amassar, assar, tosquiado, lavar, bater, tingir, tecer, trançar, dar duas laçadas, preguear, separar dois pontos dar um nó, desfazer um nó, costurar dois

<sup>1</sup> MISHNÁ: a essência do judaísmo talmúdico. Rio de Janeiro: Documentário, 1973. p. 57.

pontos, rasgar de maneira a dar dois pontos, caçar um animal, tirar sua pele, arranhá-la ou cortá-la, escrever duas cartas, apagar para depois escrever duas cartas, construir, demolir, apagar um fogo, acender um fogo, atingir com um machado e tirar qualquer coisa de um domínio para outro.<sup>2</sup>

Estas trinta e nove proibições ou categorias de trabalho não podiam ser realizadas no sábado. Por exemplo: ordenhar uma vaca entra na categoria da debulha. “Num primeiro momento, esta classificação parece sem sentido, porém fica clara quando se faz uma análise profunda. Debulhar visa extrair o conteúdo comestível de um objeto, até então diretamente não disponível para alimentação, a ordenha preenche a mesma função, embora em âmbito diferente”.<sup>3</sup> Assim, o sábado que deveria ser um dia de descanso e reflexão sobre o Criador e criação, acaba se tornando um dia de peso e, por vezes até medo de transgredir uma lei sabática e ter que arcar com as consequências.

Jesus não se conformou com este tipo de observação sabática, uma vez que esta não atendia as necessidades do povo que já se encontrava oprimido até pela questão do sábado. Para ilustrar esta situação de opressão, os Evangelhos apresentam alguns exemplos claros. João, em seu Evangelho, narra a história de cura de um homem paralítico em Jerusalém (Jo 5.1-9). A cura se deu no sábado, por ocasião de uma festa. Além de curar o homem, Jesus também lhe ordena que carregue seu leito (5.8). Quando os judeus<sup>4</sup> viram que o homem estava carregando seu leito, criticaram-no por causa do sábado (5.8). Além da crítica, eles também perseguiram a Jesus. Faziam isto pelo fato dele literalmente abolir o sábado. O termo que João usa para descrever a violação do sábado (5.18) é *λύω*. Significa não somente violar, mas “abolir”, “dissolver”, “quebrar”. Ao abolir, dissolver e quebrar o sábado, Jesus estaria praticamente

anulando uma das estruturas do judaísmo. Além da questão do sábado, ainda era incompreensível para os judeus o fato de Jesus se dizer filho de Deus, fazendo-se igual a Deus.<sup>5</sup> A isso ainda se pode somar o fato de Jesus dizer que seu Pai trabalha no sábado e ele também. Esta declaração de Jesus pode parecer a pecaminosidade de Adão quando tenta ser igual a Deus (Gn 3.5-6). Jesus quer mostrar que o Pai está trabalhando não apenas para sustentação da sua criação, mas para atender a necessidade das pessoas. A cura do homem paralítico evidencia isso.

Em outra ocasião, novamente no sábado e em Jerusalém, Jesus cura um cego de nascença (9.1-7). Esta cura desencadeou uma série de discussões com os judeus. Levaram o que era cego aos fariseus. Estes eram para o povo uma espécie de “conselheiros espirituais oficiais”.<sup>6</sup> Eles é que decidiriam o futuro religioso e espiritual do homem curado por Jesus. Após uma reunião decidir sobre a autenticidade do milagre, houve dissensão entre eles (9.16). Novamente interrogam o cego e não satisfeito com sua resposta, chamaram também seus pais para interrogatório. Perguntaram aos pais como que o filho que era cego agora está vendo. Estes responderam confirmando que o filho era deles e que havia nascido cego, mas que não sabiam como agora estava vendo ou quem lhe abrisse os olhos. João explica essa atitude dos pais: “isto disseram seus pais porque estavam com medo dos judeus; pois estes já haviam assentado que se alguém confessasse ser Jesus o Cristo, fosse expulso da sinagoga” (9.22). O que chama atenção na explicação de João é o “medo” dos pais em relação aos fariseus.

Lucas (13.10-17) também relata a cura de uma mulher enferma, encurvada já havia dezoito anos. Ela veio no sábado até uma das sinagogas em que Jesus estava ensinando. Aparentemente não pediu

<sup>2</sup> Shabat 7:2. In: MISHNÁ, 1973, p. 62-63.

<sup>3</sup> SCHACH, Vanderlei Alberto. *Fariseus e Jesus: teologia e espiritualidade em relação ao sábado a partir de Marcos 3:1-6: Características e avaliação crítica*. Ijuí: Unijuí, 2007. n. 501, p. 153.

<sup>4</sup> Nos evangelhos sinóticos os adversários de Jesus são descritos como fariseus e escribas e saduceus e sacerdotes. Em João, normalmente eles são descritos como judeus. Pelo contexto se consegue descobrir quem são os judeus (veja 7.32,35; 9.16,18).

<sup>5</sup> Rabi Abbahu aproximadamente no ano 300 d.C. declara: se um homem disser “sou Deus”, ele mente. “Sou Messias”, ele irá se arrepender disso. Existe um consenso que esta é uma referência às declarações de Jesus. Veja STRACK, Hermann; BILLERBECK, Paul. *Das Evangelium nach Markus, Lukas und Johannes und die Apostelgeschichte*. v. II. München: Beck'sche Verlagsbuchhandlung, 1924. p. 542.

<sup>6</sup> BOOR, Werner. *Evangelho de João I: comentário esperança*. Curitiba: Evangélica Esperança. 2002. p. 235.

nada a ele, mas recebeu a cura por parte dele, mesmo no sábado. O ἀρχισυνάγωγος “chefe da sinagoga” ficou ἀγανακτέω “indignado” (13.14), ou seja, manifestou seu desprazer com a libertação que Jesus havia proporcionado à mulher. O chefe da sinagoga (de orientação farisaica) era dirigido pelo zelo administrativo e não tinha sensibilidade para com a mulher. Ele ordena às pessoas a que não apelem todos os dias ao poder de Deus. É como se receber a bênção de Deus fosse considerado trabalho que não poderia ser feito no sábado. Jesus responde ao chefe e demais colegas classificando-os de hipócritas. Usa como recurso pedagógico – para se fazer entender – o fatos de eles mesmos desatarem seus animais no sábado e os levarem para beber água. Desta vez Jesus não usa o exemplo de animais que caíram em um poço (14.5) para justificar suas atitudes. Mas simplesmente desamarrar e levar. Isto é considerado um esforço menor do que retirar um boi de um poço. Sendo assim, por que não se deveria impor as mãos sobre a mulher encurvada e soltá-la? O verbo empregado ἀπολέλυσαι perfeito passivo indicativo é do verbo ἀπολύω. A preposição ἀπὸ significa “a partir de, para fora de”. λύω significa “libertar, soltar, livrar”. O que Jesus fez, foi apenas soltar a mulher através da imposição de mãos. Evidentemente significa menos trabalho do que desamarrar um boi e levá-lo para beber água no sábado.<sup>7</sup>

Com estes exemplos, pode-se observar que a liderança judaica não visava o bem do povo. Estava mais interessada no sistema que legava segurança política e religiosa. É esta liderança que Jesus vai, baseado nas Escrituras, classificar de deuses.

### Deuses da opressão

Como visto acima, a hostilidade<sup>8</sup> entre Jesus e os fariseus é clara nos Evangelhos. O temor dos

fariseus de que Jesus ameaçasse sua posição de líderes espirituais pode ter sido o motivo da hostilidade. Como líderes espirituais, eles observavam tudo o que acontecia neste sentido. Eles investigaram o trabalho de João Batista (Jo 1.24) perguntando porque ele batizava se não era o Cristo, nem Elias, nem profeta (Jo 1.25). Assim também investigavam<sup>9</sup> Jesus (Mt 22.15). O fato que se destaca nestas “investigações” é que Jesus consegue dialogar com Israel através dos fariseus. Apesar de Jesus e os fariseus serem observadores da lei, em determinada ocasião, a discussão ficou muito acirrada e Jesus parte do Antigo Testamento para chamá-los de deuses. O que leva Jesus a chamá-los de deuses?

O Salmo 82 pode ser entendido<sup>10</sup> basicamente como Deus reunindo aqueles a quem ele confiou autoridade para que cuidassem do seu povo. Provavelmente juizes para liderar o povo em situações de injustiça social. Pelo que está acontecendo na assembleia divina, parece que os “deuses” imbuídos de autoridade não estavam sendo fiéis ao seu Deus no servir os injustiçados. O próprio Deus indaga “Até quando...?”<sup>11</sup> Os julgamentos estavam sendo parciais, absolvendo os culpados e favorecendo os ímpios (82.2). A justiça para os fracos e órfãos não estava totalmente garantida, como os direitos dos necessitados e oprimidos também não (82.3). Os pobres e fracos continuavam nas mãos dos exploradores (82.4). O próprio Deus chama as autoridades de deuses (82.6), mas que haveriam de sucumbir (82.7). A partir daqui o salmista pede para Deus que se levante e julgue a terra (82.8). Transparece uma acusação e condenação contra aqueles que exercem autoridade religiosa e política injustamente. A causa de não serem atendidas as necessidades dos

<sup>7</sup> As controvérsias de Jesus com as autoridades judaicas sempre giram em torno do sábado. São uma crítica dele à Halachá. Veja: JEREMIAS, Joaquim. *Jerusalém nos tempos de Jesus*: pesquisas de história econômico-social no período neotestamentário. São Paulo: Paulus, 1983. p. 318; SCHRAGE, W. *Ética do Novo Testamento*. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1994. p. 63.

<sup>8</sup> Parece que a hostilidade não ocorre quando se trata de fariseus individualmente: José de Arimatéia (Jo 19.38); Nicodemos (Jo 3.1); Gamaliel (At 5.34); um líder dos fariseus (Lc 14.1).

<sup>9</sup> Os fariseus viam com certa preocupação o surgimento de mais um partido político religioso em um Israel já dividido.

<sup>10</sup> Para mais interpretações veja: CHAMPLIN, Russell N. *O Antigo Testamento interpretado*: versículo por versículo. São Paulo: Hagnos, 2001. v. IV, p. 2309-2311.; HABTU, Tewoldemdehin. In: ADEYEMO, Tokunboh (Ed.). *Comentário bíblico africano*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010. p. 708-709.

<sup>11</sup> Outros Salmos como 74.10 o salmista é quem indaga “Até quando, ó Deus o adversário nos afrontará? Acaso blasfemarás o inimigo incessantemente o teu nome?” Veja ainda 6.3; 74.9; 79.5; 80.4.

oprimidos, órfãos, pobres... é a incapacidade dos juízes. Esta pode fazer com que o fundamento bem estabelecido de uma ordem civil pode ser abalado, trazendo ainda mais injustiça para os que necessitam de justiça. Brown é da opinião de que os juízes

Ao deixarem de dar valor ao benefício que estas obras prestavam aos fracos e pobres, e ao deixarem de cooperar, estavam agindo como juízes injustos do Salmo (82.4, cf. 3). Fazendo assim, mostraram que não tinham “conhecimento nem entendimento”, e que andavam “nas trevas”, conforme dissera o Salmista (Sl 82.5). Jesus, do outro lado, cumpria o papel de juiz verdadeiro, como um “deus” e “Filho do Altíssimo”, o que, no Salmo, como no AT em geral, não era assunto de meramente pronunciar julgamento num tribunal, mas, sim, incluía o aspecto mais lato de administrar a comunidade dentro da justiça.<sup>12</sup>

De acordo com Brown, pode-se concluir que Jesus não estava apenas cumprindo uma tarefa judicial na sua formalidade. Mas ia muito além disso, ao livrar os oprimidos, curar os enfermos, alimentar os famintos... Provando assim ser um deus legítimo do Deus dos deuses bem com Filho do Altíssimo. Em nenhum momento ele falhou atribuindo a si autoridade que não lhe era devida. Fato marcante na trajetória de Jesus é de ele ter cumprido toda a *νόμος* “lei” ou תורה “lei”.<sup>13</sup> Brown ainda acrescenta que a razão pela qual Jesus cita o Salmo 82 não é apenas “mostrar que o Salmo oferece precedente formal para se referir a um homem como sendo um “deus”; mas também que há cumprimento real do Salmo inteiro na pessoa de Jesus na confrontação com Seus oponentes injustos que estavam tomando sobre si o direito de julgá-Lo.”<sup>14</sup> Ele faz então uma última tentativa de criar entre seus adversários uma possibilidade para que o compreendam. Esta possibilidade consiste em fazê-

los entender a partir da Escritura que entre eles (os judeus) haviam pessoas adjetivadas de atributos divinos, ou seja, deuses. Caso ele conseguisse convencê-los, eles teriam que silenciar e não poderiam acusá-lo de blasfêmia. A sede pelo poder é algo que sempre tenta as pessoas. Isso os judeus teriam que entender de alguma forma. Mas eles teriam que entender, a partir das obras<sup>15</sup> que Jesus realiza, que ele foi santificado e enviado pelo Pai. Isto contrasta profundamente a forma como os deuses humanos conseguiram autoridade.

### O Deus libertador

Diante da situação até aqui exposta, a palavra profética do Salmo 82 começa a cumprir-se em Jesus. Ao observar os três primeiros capítulos do Evangelho de Marcos, percebe-se que a controvérsia de Jesus e seus adversários gira em torno do sábado. O clímax das controvérsias sabáticas acontece quando Jesus efetua um milagre. Novamente no sábado e em uma sinagoga (Mc 3.1-6). Jesus cura um homem que tem a mão direita atrofiada. Os seus adversários estão a lhe observar. Ele pede ao homem doente que venha para o meio, para que todos possam apreciar melhor a cura e se certificar da mesma. Ele pergunta: “é lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?”. Os adversários, porém, não responderam (3.4). Indignado com a dureza de seus corações, disse ao homem: “estende a tua mão. Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada” (3.5).<sup>16</sup> Com a realização do milagre e bem-estar do homem, eles se retiraram e pensavam em como iriam matá-lo (3.6).<sup>17</sup> O termo original usado para descrever a cura é *ἀποκαθίστημι* “restaurar”. Não apenas restaurar, mas restaurar ao sentido original, como era no início. Com este milagre Jesus quer

<sup>15</sup> Crer no que não se pode negar, as obras de Jesus.

<sup>16</sup> “Uma coisa é discutir a respeito de palavras, opiniões e interpretações; outra, bem diferente, é encontrar-se face a face com as necessidades humanas. No primeiro caso, podemos parecer imparciais, mas no segundo precisamos tomar uma atitude que demonstre misericórdia”. COLE, Victor Babajide. In: ADEYEMO, 2010, p. 1203. Os autores e teólogos deste comentário têm um posicionamento mais prático, em vista dos teólogos de primeiro mundo. Talvez esse posicionamento mais prático se dê em função da opressão vivida pelos africanos.

<sup>17</sup> É uma forma um tanto estranha, como os “deuses” judaicos encerram o seu culto sinagoga.

<sup>12</sup> BROWN, Colin In: COENEN, Lothar, BROWN, Colin. *Dicionário internacional de teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 2000. v. II, p. 1984.

<sup>13</sup> Por *νόμος* se entende aqui, uma vez que também o livro dos salmos se inclui aqui, em sentido lato, Escritura Sagrada; cf. Jo 12.34; 15.25. Da mesma forma תורה é a designação rabínica para todo o cânon veterotestamentário. STRACK, 1924, p. 542.

<sup>14</sup> BROWN, 2000, p. 1984.

transmitir exatamente essa ideia. Dar ou devolver ao sábado seu estado original, como havia sido criado por Deus no princípio. Assim, o povo poderia novamente usufruir o sábado para receber as bênçãos do Deus libertador. Ou seja, ficar livre dos deuses opressores. Da forma como vinha sendo observado o sábado pelos judeus, tornara-se um peso para as pessoas. Nem o próprio Deus aceitava mais a guarda do sábado.<sup>18</sup>

A única saída para Jerusalém é arrepender-se e voltar para Deus, atitude que envolve muito mais que um simples ritual religioso. Esses rituais talvez enganem os outros, levando-os a pensar que temos um relacionamento com o Senhor. Deus, porém, percebe a hipocrisia interior. No lugar de rituais, Deus nos pede uma vida santificada, atitude que se manifesta no amor ao próximo. Esse amor deve ser demonstrado em nosso comportamento político, econômico e religioso.<sup>19</sup>

### Atualização

O posicionamento que Jesus assume frente ao sábado é de descontinuação. Ele continua com o sábado, mas obviamente descontinua os rituais judaicos que eram praticados pelos deuses e que não favoreciam os pobres e oprimidos. Ele embasa o processo de descontinuação na necessidade humana. Como Deus libertador, no sábado ele faz o bem. Enquanto os deuses, no sábado, decidem em fazer o mal. Como iriam eliminar aquele que estava fazendo o bem. Para Jesus, “o mandamento da assistência solidária vem antes do mandamento do sábado. Salvar e promover a vida, por si só, já invalidam a guarda do sábado”.<sup>20</sup> Portanto, este dia não pode mais ser visto como um dia de culto, sem que se cumpra – no próprio culto – o mandamento do amor para com o próximo. Percebe-se que só existe uma opção para o dia de sábado: ou se mantém o dia de sábado e se elimina Jesus, ou se elimina o sábado e se mantém Jesus.

Com a descontinuação da guarda do sábado, Jesus pretende incluir pessoas que não teriam acesso ao sábado. Pessoas impuras, doentes, mulheres,

crianças, estrangeiros... Normalmente estes grupos de pessoas não tinham condições de cumprir os rituais sabáticos. Com a amenização dos rituais, Jesus abre caminho para os excluídos. Estes agora também conseguem chegar à presença de Deus, e se alimentar, nem que seja das migalhas dos judeus (Mt 15.21-28). Assim, Jesus vai promovendo uma teologia de inclusão.

Olhando agora para a nossa situação, que tipo de “deuses” encontramos na atualidade e que são responsáveis pelo bem-estar da humanidade. No âmbito religioso, encontramos “deuses” que não gostam de servir aos necessitados. Pelo contrário, criam estruturas de dominação.<sup>21</sup> Podemos perceber nos cultos midiáticos, os apelos para a contribuição financeira são opressivos. Em algumas igrejas de cunho pentecostal ou neopentecostal, onde reina a teologia da prosperidade, assistir a um culto pode custar caro. Os “diáconos” pedem uma oferta ao se entrar no templo; outra na metade do culto; mais uma especial e mais outra na saída. Sem falar nas propostas de dar tudo o que se tem, para depois ser abençoado por Deus e receber o dobro. Alguns chegam a cobrar determinado valor, para que o pastor faça uma oração forte. O mesmo acontece nas propostas milagreiras. São prometidas curas, libertações... e que nem sempre acabam acontecendo. E quando não acontece, o fiel não tem fé ou está em pecado. Por outro lado, igrejas mais tradicionais, têm dificuldades em receber pessoas moralmente desacreditadas. No pensamento de Wegner, os escândalos morais continuam sendo aqueles atrelados à área sexual. Outros pecados de ordem política ou econômica são percebidos, mas não chegam a mobilizar a igreja. Às vezes alguns pecados são mais destacados em detrimento de outros, que podem ser minimizados. Que interesses movem as igrejas para esse tipo de prática discriminatória?<sup>22</sup>

<sup>21</sup> GAEDE NETO, Rodolfo em sua pesquisa sobre a diaconia de Jesus, afirma que “não devem existir estruturas de dominação, mas de constante serviço (diaconia) mútuo;” GAEDE NETO, Rodolfo. *A diaconia de Jesus: contribuição para a fundamentação teológica da diaconia na América Latina*. São Leopoldo: Sinodal, 2001. p. 53.

<sup>22</sup> WEGNER, Uwe. Jesus e economia no evangelho de Marcos. In: *Reflexos da brisa leve*. São Leopoldo: CEBI, 1991. p. 314.

<sup>18</sup> Veja Is 1.10-17.

<sup>19</sup> NSIKU, EDUARD KITOKO. In: ADEYEMO, 2010, p. 840.

<sup>20</sup> SCHACH, 2007. p. 158.

Já a nível político os “deuses” também podem ser opressores. Diariamente se percebe na mídia brasileira notícias de políticos, que de alguma maneira, conseguiram desviar os recursos públicos de projetos sociais para projetos particulares. Parece que os “deuses” políticos não conseguem trazer segurança para o povo brasileiro. Muitas pessoas inocentes morrem através de bala perdida. Muitos jovens são escravizados pelas drogas, comprometendo assim o futuro de nosso país. Nas escolas, os adolescentes vivem em pé de guerra entre si e com os professores. Nos presídios há superlotação.<sup>23</sup> Sobre questões éticas, em fevereiro de 2010, o IV Congresso Nacional do PT manifestou apoio incondicional ao 3º Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH3), Decreto n. 7.037/09 de 21 de dezembro de 2009, assinado pelo então Presidente e pela ministra da Casa Civil, no qual se reafirmou a descriminalização do aborto, dando assim continuidade e levando às últimas consequências esta política de controle populacional, desumana, antissocial e contrária ao verdadeiro progresso do nosso país. Em questões de saúde, diariamente pessoas morrem na fila de espera por atendimento médico. É mais fácil conseguir uma cirurgia de mudança de sexo do que um transplante de algum órgão humano vital para sobrevivência de uma pessoa doente.

Na área econômica a situação não é muito diferente. O Brasil está entre os países que têm a carga tributária mais alta do mundo. O povo brasileiro paga muito imposto ao governo. Este imposto não retorna na sua totalidade em benefícios para o povo. Atualmente resido no interior do Estado do Rio Grande do Sul e, por isso, posso observar o preço mínimo dos produtos agrícolas. Cito como exemplo, a saca de trigo. Já está no preço mínimo. Mas o governo ainda quer reduzir o preço pago ao produtor em 10%, tornando praticamente impossível a produção deste cereal, que pode saciar a fome de milhões de pessoas. No setor financeiro, que envolve agências bancárias, a exploração também é visível. Quem necessita empréstimo bancário, paga juros em torno de 8% ao mês. Em contrapartida, quem deposita valores para receber juros, tem de se contentar com aproximadamente 0,6% ao mês. Poder-se-ia continuar enumerando inúmeras situações de opressão causada pelos “deuses”. Por falar neles, este ano é de eleições, para tanto, quero concluir com as palavras do salmista: “levanta-te, ó Deus, julga a terra, pois a ti compete a herança de todas as nações” (Sl 82.8).

[Recebido em: dezembro 2010 e  
aceito em: agosto 2011]

---

<sup>23</sup> 4.900 detentos ocupavam as 1.863 vagas do Presídio Central de Porto Alegre. *Jornal Zero Hora*, Porto Alegre, 30 ago. 2010, p. 4-5.